

Uma fotografia variacionista dos verbos existir e ter em dados do PORCUFORT

*A variationist photograph of
verbs to exist and to have in
PORCUFORT data*

Rakel Beserra de Macêdo VIANA (UECE)
rakelbeserra@gmail.com

Aluiza Alves de ARAÚJO (UECE)
aluizazinha@hotmail.com

Recebido em: 07 de jan. de 2019.
Aceito em: 17 de abr. de 2019.

VIANA, Rakel Beserra de Macêdo;
ARAÚJO, Aluiza Alves de. Uma
fotografia variacionista dos verbos
existir e ter em dados do PORCUFORT.
Entrepalavras, Fortaleza, v. 9, n. 2, p.
256-277, maio-ago/2019.

Resumo: A partir dos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008; WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006), objetivamos analisar a atuação de fatores linguísticos e extralinguísticos e sua atuação sobre a variação dos verbos existenciais *existir* e *ter*. Os dados são oriundos da fala de 50 informantes do *corpus* do projeto Português Oral Culto de Fortaleza – PORCUFORT. Através de análise estatística, chegamos a um total de 2.199 dados, sendo 392 (17,8%) ocorrências de *existir* e 1.807 (82,2%) ocorrências de *ter*. Os grupos de fatores relevantes para o verbo *existir* foram, nessa ordem de importância: *posição do SN*; *tipo de registro*; *traço semântico do SN*; *concordância entre o verbo e o SN*; *tempo e modo verbal*; e *faixa etária*.

Palavras-chave: Verbos existenciais. Falar culto. Fortaleza-CE.

Abstract: Based on the theoretical-methodological assumptions of Variationist Sociolinguistics (LABOV, 2008; WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006), we objective analyze the performance of linguistic and extralinguistic factors and their performance on the variation of existential verbs *to exist* and *to have*. The data come from the speech of 50 informants from the *corpus* of the Português Oral Culto de Fortaleza – PORCUFORT project. Through statistical analysis, we reached a total of 2,199 data, 392 (17.8%) occurrences *to exist* and 1,807 (82.2%) occurrences of *to have*. The groups of factors relevant to the verb *to exist* were, in this order of importance: position of the SN; record type; semantic trait of SN; agreement between the verb and the SN; time and verbal mode; and age group.

Keywords: Existential verbs. Cultured Speech. Fortaleza-CE.

Introdução

A Sociolinguística tem se mostrado muito produtiva Brasil afora, como o próprio Labov (2007), precursor da Teoria da Variação e Mudança Linguística, reconhece. Diversas regiões do país vêm desenvolvendo estudos do português brasileiro (doravante PB) em inúmeros fenômenos de variação linguística. Em nosso estado, o Ceará, não é diferente.

Neste texto, o nosso objetivo é analisar os verbos existenciais *existir* e *ter* no português falado por pessoas com nível superior completo de Fortaleza-CE. Dessa forma, os dois verbos variáveis trazem em um mesmo contexto, o sentido de existência para referir-nos a algo ou alguém¹.

Diversos estudos variacionistas já foram realizados sobre o os verbos existenciais (RIBEIRO; SOARES; LACERDA, 2013; SOUZA, 2015; VIANA, 2018; VITÓRIO, 2013 etc.). Dentre eles, chamamos a atenção para as pesquisas de Souza (2015) e Viana (2018), por analisarem, assim como nós, as variáveis *existir* e *ter*, pouco estudadas juntas.

Os dados de fala culta fortalezense foram retirados do Projeto Português Oral Culto de Fortaleza – PORCUFORT Fase I² (doravante PORCUFORT), organizado na Universidade Estadual do Ceará – UECE, na década de 1990 (ARAÚJO; VIANA; PEREIRA, 2018a).

¹ Nesta análise binária, o verbo *existir* é tomado como valor de aplicação, enquanto o verbo *ter* corresponde a não-aplicação da regra. De acordo com Guy e Zilles (2007), fazemos a dedução da frequência, assim como do peso relativo, de qualquer fator para a não aplicação, com base no peso deste mesmo fator para a aplicação da regra. Exemplificando: os informantes da faixa III apresentaram, para *existir*, percentual de 21,2% e peso relativo 0,563 (ver a tabela 6 mais adiante), logo, para *ter*, apresentaram 78,80% e peso relativo 0,437. “Pois bem, qual é a utilidade desta observação? É simplesmente deixar claro que podemos inferir resultados numéricos recíprocos sem ter de refazer as rodadas estatísticas e, se assim desejarmos, poderemos reinterpretá-los em função de propósitos distintos dos que orientaram a análise inicial” (GUY; ZILLES, 2007, p. 230).

² Maiores considerações sobre o PORCUFORT serão feitas na seção de Metodologia.

Nosso objetivo é estudar, aportados na Teoria da Mudança e Variação Linguística (LABOV, 2008; WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006), a variação no uso dos verbos existenciais *existir* e *ter* em uma amostra do projeto PORCUFORT, examinando qual desses verbos existenciais é mais produtivo, assim como, quais fatores, dentre os linguísticos e os extralinguísticos, favorecem uma ou outra variante. Por último, verificaremos se há, na fala culta fortalezense, indícios de mudança em progresso no sentido de *ter* substituir *existir*.

Nesta análise, testaremos 12 variáveis, entre linguísticas e extralinguísticas, a saber: *traço semântico do SN*; *preenchimento de elementos à esquerda do verbo*; *tipo de oração*; *posição do SN*; *peso do SN*; *tempo e modo verbal*; *presença de modalizador*; *repetição do verbo no mesmo enunciado*; e *concordância entre o verbo e o SN*; *faixa etária*, *sexo*³ e *tipo de registro*.

Acreditamos na hipótese de que a ocorrência geral de *ter* seja superior a *existir*, tendo por base a literatura pertinente sobre os verbos em questão. Além disso, acreditamos, ainda, que os *tempos do presente*, a *presença de elementos à esquerda do verbo*, os *tipos de registro D2*⁴, o *sexo masculino* e a *menor faixa I* sejam os fatores que mais favorecem o verbo *ter*. Já em relação ao verbo *existir*, cremos que os fatores *traço semântico [+animado]*, o *SN simples*, os *tempos verbais do presente*, a *concordância verbo singular → SN plural*, o *sexo masculino* e o *tipo de registro EF* sejam seus aliados. Em último, acreditamos que estamos diante de uma avançada mudança em progresso, em que *ter existencial* está suplantando o uso do próprio verbo *existir*.

A organização deste artigo é feita a partir de seis seções e as referências bibliográficas. Posteriormente a esta introdução, abordamos, mesmo que de forma breve, a Teoria da Variação e Mudança Linguística, alicerce teórico deste estudo. Em seguida, trazemos a Revisão de Literatura, que revela os principais resultados de quatro estudos variacionistas que analisam os verbos em pauta. Mais adiante, trazemos a seção que apresenta a Metodologia utilizada por nós. A quinta seção deste artigo apresenta e discute os resultados descobertos na pesquisa. Finalizando nosso texto, tecemos nossas considerações finais acerca dos resultados encontrados.

³ Utilizamos o termo *sexo* para designar o sexo biológico dos informantes, como já estabelecido no banco de dados.

⁴ D2 – Diálogo entre Dois Informantes, DID – Diálogo entre Informante e Documentador, e EF – Elocuções Formais.

Teoria da Variação e Mudança Linguística

William Labov, linguista americano, é o fundador da Teoria da Variação e Mudança Linguística (LABOV, 2008; WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006), a partir de duas pesquisas: uma sobre o inglês falado na Ilha de Martha's Vineyard, estado de Massachusetts, em 1963, e a outra sobre o inglês falado em Nova York, Estados Unidos, em 1966.

Foi a partir dessas pesquisas iniciais que Labov verificou, através da combinação de fatos linguísticos com fatos sociais, que a variação linguística não era livre e sem restrições, que a variabilidade intraespacial reflete e constrói uma oposição social entre os falantes de uma dada comunidade de fala. Assim, conclui que a diferenciação linguística parece servir ao propósito da diferenciação social.

Labov defende, a partir de seus estudos iniciais, que a Linguística não é social *per se*, afirmando que “resistiu ao termo sociolinguística” por anos, pois o termo implicaria em haver uma teoria linguística que não fosse social. Diversos linguistas tinham se voltado para o estudo de sua própria fala e não para a fala das pessoas que usam a língua na sociedade, no dia a dia, com seus familiares, amigos e no trabalho, em que realmente a língua é usada (LABOV, 2008, p. 13). Dessa forma, abre-se um novo ramo da Linguística que visa analisar a linguagem em uso e nos diversos grupos de pessoas, regiões e línguas mundo afora.

Sociolinguistas como Camacho (2001, p. 69) afirmam que “a Sociolinguística postulou [...] o princípio de que a heterogeneidade não é um aspecto secundário e acessório da estrutura da linguagem; é pelo contrário, uma propriedade inerente e funcional” e que a heterogeneidade é, ainda, “capacidade de operar uma seleção entre formas alternativas possíveis, conforme as circunstâncias sociais da interação” (loc. Cit.), que é o que chama de “atributos mais relevantes da competência comunicativa do falante” (loc. Cit.).

A Sociolinguística tanto defende a heterogeneidade linguística como a adota como objeto de estudo. Ainda segundo Camacho (2001), a sociolinguística laboviana procura superar o idealismo da Linguística contemporânea como uma área homogênea. Não existem limites claros entre o sistema linguístico e o uso da linguagem no contexto social, nas mais diversas situações comunicativas. Existe, sim, restrições de usos linguísticos e não linguísticos para cada forma da língua.

Dando continuidade a nossa pesquisa, trouxemos alguns estudos variacionistas sobre os verbos *existir* e *ter* apresentados na seção seguinte.

Os existenciais na fala culta brasileira

Na literatura pertinente quanto aos verbos existenciais, podemos encontrar várias pesquisas que analisam os verbos existenciais do PB atual, mas poucos analisam dentre os verbos existenciais, o verbo *existir*. Posto isso, trazemos aqui os dois trabalhos que realizam uma análise binária entre *existir* e *ter* na fala fortalezense, mais precisamente na fala popular, com base em dados do Projeto NORPOFOR (ARAÚJO; VIANA; PEREIRA, 2018b) e mais dois estudos com dados de fala do Projeto Mineirês⁵ e um *corpus* próprio constituído por Vitório (2013) para a pesquisa.

O estudo de Souza (2015) investiga a variação entre os verbos *ter*, *haver* e *existir* em dados do NORPOFOR – Norma Oral do Português Popular de Fortaleza-CE. O autor encontrou 904 ocorrências, sendo, destas, 876 do verbo *ter* (96,9%) e 28 de *existir* (3,1%). Através do programa Goldvarb X, testou as seguintes variáveis: sexo, faixa etária, escolaridade⁶, animacidade do SN, forma verbal, peso do SN, posição do SN em relação ao verbo, concordância entre verbo e SN, presença vs. ausência de elementos à esquerda do verbo e repetição do verbo no mesmo enunciado. No geral, o autor encontrou 94,1% de ocorrências de *ter*, 3% de *existir* e 2,9% de dados para o verbo *haver*.

O autor fez análises binárias com as três variantes. Na análise *existir* vs. *ter*, os dados gerais foram: *existir* em 3,1% e *ter* em 96,9%. O fator selecionado como beneficiador do verbo *existir* foi a posição do SN à esquerda (0.84).

Já a pesquisa de Viana (2018) analisa um total de 2.258 ocorrências de *ter*, *haver* e *existir*, mas, devido à baixa quantidade de dados de *haver* (29), optou por analisar apenas os verbos *ter* e *existir*, que somaram 2.229 dados, sendo 2.143 ocorrências de *ter* (96,1%) e 86 ocorrências do verbo *existir* (3,9%). A autora analisou a fala de 36 informantes do banco de dados do Projeto Norma Oral Popular de Fortaleza – NORPOFOR, provenientes do tipo de registro Diálogo entre Informante e Documentador – DID, estratificados em sexo, faixa etária e escolaridade⁷, as variáveis testadas no estudo.

⁵ Maiores informações sobre o projeto Mineirês na página da Prof.^a Jânia Ramos, coordenadora do projeto: <<http://www.lettras.ufmg.br/profs/jania/>>.

⁶ O autor analisou os seguintes níveis de escolaridade: A – 0 a 4 anos, equivalente ao Ensino Fundamental I; B – 5 a 8 anos, equivalente ao Ensino Fundamental II e C – 9 a 11 anos, equivalente ao Ensino Médio.

⁷ A autora analisou os seguintes níveis de escolaridade: A – 0 a 4 anos, equivalente ao

A análise estatística com o Goldvarb X apresentou, em uma primeira rodada, as variáveis sexo e faixa etária como relevantes, como os fatores sexo masculino (0,571) e faixas etárias II (de 26 a 49 anos) e I (de 15 a 25 anos) (0,564 e 0,550, respectivamente) como favorecedoras de *ter*. Ao criar novas variáveis sociais (sexo e escolaridade, faixa etária e escolaridade, e sexo e faixa etária), a autora realizou mais três análises que geraram os seguintes fatores como aliados de *ter*: sexo feminino e escolaridade A (0,555), sexo masculino e escolaridade B (0,599), sexo masculino e escolaridade C (0,593), e, mais uma vez, as faixas etárias I e II (0,564 e 0,561 respectivamente). Nas rodadas seguintes, faixa etária II e escolaridade A (0,634), faixa etária III (acima de 50 anos) e escolaridade A (0,602), faixa etária I e escolaridade B (0,647), faixa etária I e escolaridade C (0,536), sexo masculino (0,588) e, por último, sexo masculino e faixa etária I (0,847), sexo feminino e faixa etária II (0,634) e faixa etária I (0,792). A autora afirma, em suas conclusões, haver uma mudança em progresso de *ter* sobre *existir* no falar popular de Fortaleza-CE.

Ribeiro, Soares e Lacerda (2013) realizaram sua pesquisa sobre os verbos *ter*, *haver* e *existir* no falar de Minas Gerais, utilizando o *corpus* do Projeto Mineirês, que abrange 6 cidades mineiras. As autoras consideraram apenas 86 entrevistas, pois havia algumas que não tinham informações completas sobre o informante. As pesquisadoras encontraram 1.427 ocorrências de *haver* (37), *existir* (59) e *ter* (1.331), detendo-se na exposição das frequências de cada variável testada, que foram: a marcação ou não marcação de concordância, presença ou ausência de advérbio de negação, presença ou ausência de marcador temporal, presença ou ausência de modalizador, caracterização do tempo verbal, animacidade do complemento verbal ([+ humano] ou [- humano]), e especificidade do complemento verbal ([+ genérico] ou [- genérico]). Para ajudar nas análises, as autoras utilizaram o Goldvarb 2001, programa do pacote estatístico Varbrul.

Referente à variável sexo, as mulheres falam mais *ter* (94,4%) que os homens (91,4%), ao passo que os homens falam mais *existir* (6%) do que as mulheres (3%); para *haver*, a frequência é igual (2,6%). Com relação à faixa etária, a faixa 1 (0-15) obteve mais ocorrências de *ter* (97,6%); com relação a *haver*, a faixa mais favorecedora é a 4 (45-100), com 4,5%. A faixa 3 (30-45) não apresentou ocorrências de *haver*, já, para *existir*, a faixa mais produtiva é a 3 (8,5%).

Quanto à Escolaridade, para *ter*, o 1º grau obteve 100% das ocorrências; com *haver*, a escolaridade 1º grau incompleto obteve mais frequência (5,3%), seguido do 3º grau incompleto (5%); para *existir*, o maior número de ocorrências é da escolaridade 3º grau incompleto (7,6%). No que diz respeito à localidade, os informantes de São João da Ponte usaram *ter* de forma categórica, enquanto *existir* foi mais produtivo em Piranga, e *haver*, em Arceburgo. Dessa forma, as autoras acreditam que “o verbo *ter* pode ser considerado pela realização vernacular de existência no dialeto mineiro [...] a ocorrência do verbo *haver* no dialeto mineiro parece estar ligada ao fator externo *grau de escolaridade*” (RIBEIRO; SOARES; LACERDA, 2013, p. 557, grifos das autoras).

Analisando as variáveis linguísticas, para a concordância, *haver* e *existir* apresentaram maiores frequências de não concordância (13% e 12% respectivamente) do que de concordância; já, o verbo *ter* apresenta maior percentual de concordância (87,5). Para a negação, *haver* vs. *ter* apresentam maiores frequências de ausência de negação (2,7% e 93,7%) que *existir*, que obteve maior percentual de presença (6%).

No que diz respeito à variável marcador temporal, com *haver*, a frequência foi a mesma para ausência e presença (2,6%), mas *existir* apresentou mais presença de marcador temporal (7,2%), enquanto *ter* revelou maior percentual de ausência de marcador (93,8%). Referindo-se ao tempo verbal, *haver* foi categórico no gerúndio, enquanto *existir* foi mais produtivo no presente do indicativo (5,5%) e *ter* foi categórico nos fatores futuro do indicativo e futuro do subjuntivo.

O verbo *ter* obteve as mesmas frequências para presença e ausência de modalizador (93,3%). Já *haver* obteve mais frequências para ausência (2,6%), ao passo que *existir* teve mais frequências para presença de modalizador (4,3%), embora seus números sejam bastante parecidos. No tocante à animacidade do complemento, *haver* e *ter* obtiveram mais produtividade com a animacidade [- humano] (3,4% e 96,1%, respectivamente), enquanto que *existir* com [+ humano] obteve 6%. Para a especificidade semântica do complemento, *haver* e *existir* foram mais produtivos com complementos [- genérico] (3,8% e 5,3%) e *ter* com [+ genérico] (95,6%).

Para as autoras, “*existir* apresenta um uso mais restrito à realização de existência” (RIBEIRO; SOARES; LACERDA, 2013, p. 557, grifos das autoras). Quanto ao aspecto semântico dos verbos, as autoras apresentam, como uma das conclusões do trabalho, que

[...] o aspecto semântico das variantes, sob um olhar cognitivista, está relacionado com uma projeção metafórica, em que o sentido de *existir* (+ abstrato) é decorrente do sentido de “posse” do verbo *ter* (+ concreto) e pode ser conceptualizado a partir do esquema de *contêiner*. (RIBEIRO; SOARES; LACERDA, 2013, p. 557-558, grifos das autoras)

Ou seja, para as autoras, haveria uma relação de projeção metafórica, no sentido de *existir*, mais abstrato, ser oriundo do sentido de *posse* do verbo *ter*, que tem sentido mais concreto.

A pesquisa de Vitório (2013) é baseada no *corpus* já constituído para o estudo de Vitório (2012) e em um segundo *corpus* de 10 dissertações e teses da Universidade Federal de Alagoas – UFAL. No entanto, interessa-nos apenas os resultados referentes aos dados de fala. A autora trabalhou com a variável dependente composta pelos verbos: *haver*, *ter*, *ter pessoal* e *existir*, encontrando 381 ocorrências no total, sendo 223 para *ter* (59%), 32 para o verbo *haver* (8%), 27 para o verbo *existir* (7%) e 99 ocorrências de *ter pessoal* (26%). Suas variáveis controladas foram: sexo, faixa etária, tempo verbal, especificidade semântica do argumento interno, ausência vs. presença de elementos à esquerda do verbo e tipos de preenchedores à esquerda do verbo.

Na variável tempo verbal, os tempos passados (pretérito perfeito e imperfeito do indicativo) tendem a ser mais favoráveis de *haver*, com respectivamente 28% e 16% das ocorrências com *haver*, mas ainda há 44% de ocorrências no presente. Já o verbo *existir* é categórico com ocorrências no tempo presente. A natureza semântica do argumento interno traz o traço [+ abstrato] mais frequente com verbo *haver* com 88% das ocorrências.

Referente às variáveis ausência vs. presença de elementos à esquerda do verbo e tipos de preenchedores à esquerda do verbo, a pesquisadora faz sua análise de frequências baseada no parâmetro do sujeito nulo e remete “à discussão de que o português brasileiro tende a rejeitar o verbo em primeira posição” (VITÓRIO, 2013, p. 14). Quanto à variável faixa etária, todos os fatores apresentam maiores frequências com o verbo *ter*. A faixa 1 (15 a 29) e a faixa 2 (30 a 44) são as maiores realizadoras de *ter* e *ter pessoal*. Já a faixa 3 (45 anos em diante) é a mais realizadora do verbo *haver* e do verbo *existir*, com respectivamente 12% e 10%.

Baseado nesses estudos, podemos concluir que os fatores posição do SN à esquerda do verbo, ou seja, SN anteposto, sexo feminino, as maiores faixas etárias e maior escolaridade são as que beneficiam o verbo *existir*.

A seção seguinte nos apresenta a metodologia que seguimos neste texto, assim como detalha nossa amostra e como realizamos nossa análise estatística.

Metodologia

Os dados que utilizamos para a realização desta pesquisa são oriundos do banco de dados do Projeto Português Oral Culto de Fortaleza – PORCUFORT, formado por 73 informantes. O PORCUFORT é estratificado de acordo com o *sexo*, a *faixa etária* dos informantes e o *tipo de registro* dos inquéritos. O banco de dados de fala culta fortalezense foi idealizado nos moldes do projeto NURC e constitui-se, hoje, como o único *corpus* representativo da norma culta falada em Fortaleza e encontrando-se totalmente transcrito e digitalizado (ARAÚJO; VIANA; PEREIRA, 2018a).

Nossa amostra baseou-se na estratificação do banco de dados, mas com as seguintes faixas etárias: I (22 a 35 anos), II (36 a 50 anos) e III (51 anos em diante)⁸, dois sexos: masculino e feminino e os três tipos de registro do *corpus*: D2 – Diálogo entre Dois Informantes, DID – Diálogo entre Informante e Documentador e EF – Elocução Formal.

O Quadro 1 apresenta a estratificação dos informantes de nossa amostra, a partir das variáveis extralinguísticas (sexo, faixa etária e tipo de registro) do PORCUFORT, ou seja, de sua estratificação.

Quadro 1 – Distribuição dos informantes de acordo com as variáveis sociais controladas na amostra analisada

Tipo de Registro Faixa etária	Sexo					
	Masculino			Feminino		
	D2	DID	EF	D2	DID	EF
I (22 a 35 anos)	3	3	3	3	3	3
II (36 a 50 anos)	3	3	3	3	2	2
III (51 anos acima)	3	3	3	3	3	1
Total	9	9	9	9	8	6
Total geral	50					

Fonte: Adaptado de Araújo, Viana e Pereira (2018a).

Deste modo, a amostra que selecionamos é composta por 50 indivíduos: dos inquéritos DID, 17 informantes, dos inquéritos D2, 18 informantes e, dos EF, 15 informantes, como disposto no Quadro 1.

⁸ No *corpus* do PORCUFORT, as faixas etárias originais são: faixa etária I (22 a 35 anos), faixa etária II (36 a 55 anos) e faixa etária III (56 anos em diante). As faixas etárias foram reagrupadas devido à falta de ortogonalidade em algumas células.

A análise estatística foi realizada partindo de 12 variáveis dentre linguísticas e extralinguísticas. As linguísticas são: *traço semântico do SN*; *preenchimento de elementos à esquerda do verbo*; *tipo de oração*; *posição do SN*; *peso do SN*; *tempo e modo verbal*; *presença de modalizador*; *repetição do verbo no mesmo enunciado*; e *concordância entre o verbo e o SN*. Como variáveis extralinguísticas, testamos a *faixa etária*, o *sexo* e o *tipo de registro*.

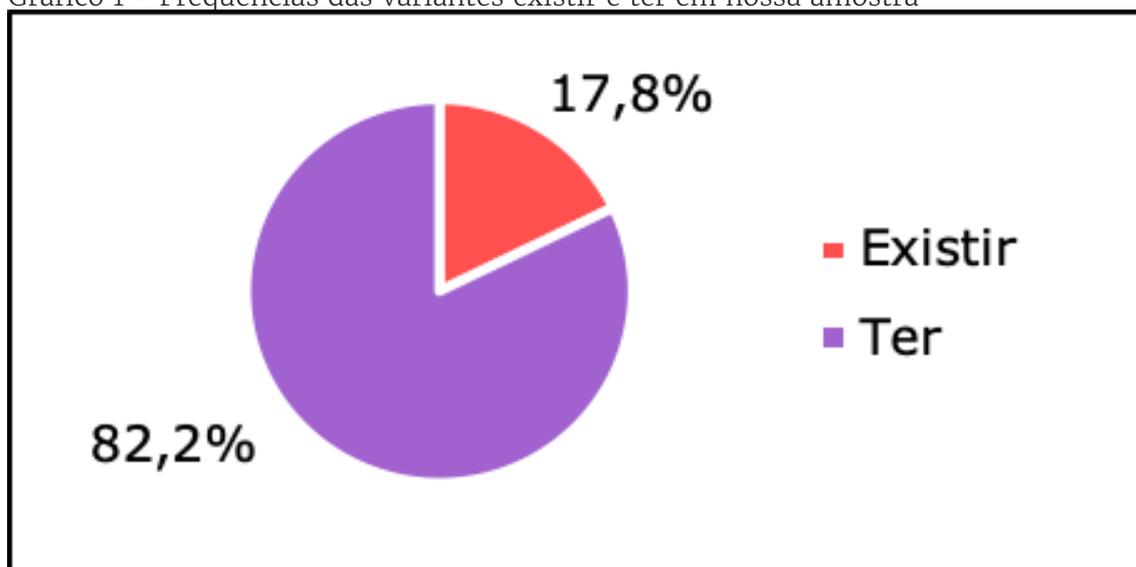
Após audição e coleta, os dados foram submetidos à análise estatística do programa computacional Goldvarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005) para verificarmos, através do peso relativo (doravante PR) de cada variável, quais delas são influenciadoras dos verbos existenciais na fala culta fortalezense.

Apresentamos, a seguir, os resultados obtidos para os verbos *existir vs. ter*, com aplicação para o verbo *existir*.

Discussão e análise dos resultados

Os dados relativos aos verbos *existir* e *ter*, com aplicação para a variante padrão, neste caso, o verbo *existir*, mostraram um total de 2.199 dados, sendo 392 de *existir* (17,8%) e 1.807 de *ter* (82,2%), como podemos ver nas frequências do Gráfico 1, a seguir.

Gráfico 1 - Frequências das variantes existir e ter em nossa amostra



Fonte: Elaborado pelas autoras.

Além das frequências já observadas no Gráfico 1, um segundo exame dos dados apresentou 3 nocautes que se deram na variável

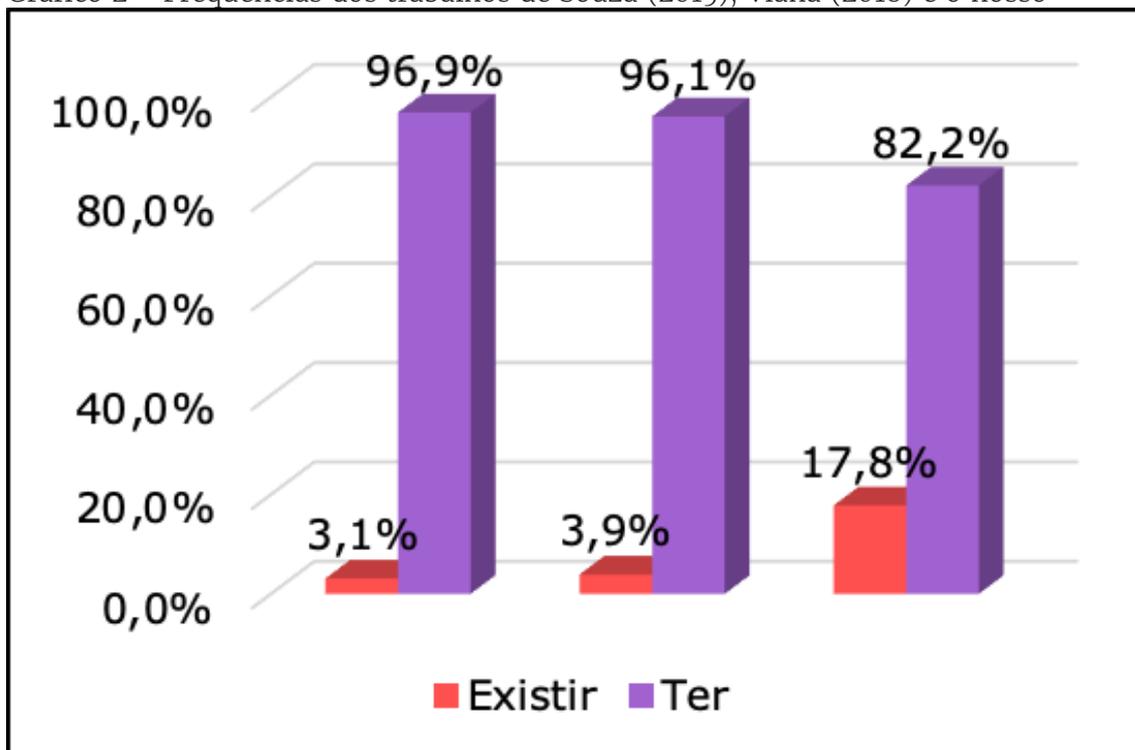
presença de modalizador, nos seguintes fatores: modalizador 'dever' (com 20 dados apenas para *ter*), modalizador 'estar' (com 6 dados apenas para *ter*) e modalizador 'precisar' (com 2 dados apenas para *ter*).

Após resolvidos os nocautes, com a exclusão de um total de 28 dados de *ter existencial* no arquivo de condições, realizamos uma nova rodada e o Run # 48 nos deu os melhores resultados, com a *Convergence at Iteration 68*, Input de 0,155, com significância de 0,006.

As variáveis relevantes para a manutenção de *existir* nesta interação foram as seguintes: *posição do SN*; *tipo de registro*; *traço semântico do SN*; *concordância entre o verbo e o SN*; *tempo e modo verbal*; e *faixa etária*, nesta ordem de relevância. Os grupos de fatores irrelevantes foram a *repetição do verbo no mesmo enunciado*; *sexo*; *peso do SN*; *presença de modalizador* e a *presença de elementos à esquerda do verbo*.

Ressaltamos, aqui, que encontramos apenas dois trabalhos que realizaram análises estatísticas com o verbo *existir* e o verbo *ter* no PB, o estudo de Souza (2015) e o de Viana (2018), ambos com base no *corpus* do NORPOFOR, mas cada um contemplando um tipo de inquérito do banco de dados. Para que possamos traçar comparações, embora com as ressalvas às diferenças dos bancos de dados, vejamos o Gráfico 2, que nos apresenta uma melhor visualização desses trabalhos.

Gráfico 2 - Frequências dos trabalhos de Souza (2015), Viana (2018) e o nosso



Fonte: Elaborado pelas autoras.

Visualizamos no Gráfico 2 que os dados de Souza (2015) e Viana (2018) são bastante próximos, fato que acreditamos dever-se a estes estudos se utilizarem do mesmo banco de dados, ou seja, a mesma comunidade de fala, embora sejam tipos de inquéritos distintos.

Souza (2015) analisou os inquéritos D2, menos formais por serem constituídos de interações entre duas pessoas muito íntimas, e, o segundo, de Viana (2018), analisou os tipos de inquérito DID que apresentam maior grau de formalidade que o D2, por constituírem-se de entrevistas. Dessa forma, sempre que possível, nos remeteremos aos resultados dessas duas pesquisas.

Iniciemos pela apresentação da primeira variável estatisticamente relevante para a análise em tela, a posição do SN.

Posição do SN

Primeira variável em relevância para a análise em pauta, a *posição do SN* nos apresenta o fator *anteposto* como beneficiador de *existir* (0,790), enquanto que o *posposto* lhe é desfavorável (0,477), como podemos ver na Tabela 1.

Tabela 1 – Atuação da variável *posição do SN* sobre o verbo *existir*

FATORES	Aplic./total	Percentual	P.R.
anteposto	61/141	43,3%	0,790
posposto	331/2030	16,3%	0,477

Input 0,155

Significance 0,006

Fonte: Elaborada pelas autoras.

Muito interessante verificarmos, a partir da Tabela 1, que a *posição do SN* foi a mesma variável selecionada em Souza (2015) como beneficiadora de *existir* como fator SN à esquerda do verbo (0,848), ou seja, *anteposto*, o que corrobora nossos resultados. A seguir, os excertos (1) e (2) nos apresentam o SN *anteposto* e *posposto* ao verbo *existir*, para que fique mais clara a estrutura que apresentamos.

- (1) alguns fundamentos que existe também... (PORCUFORT, D2, 34, Inf. 01)
- (2) MARX nos mostra que existe um movimento na história esse movimento na história seria o seguinte (PORCUFORT, EF, 18)

Na literatura variacionista sobre os verbos existenciais, a estrutura prototípica é V + SN, como no excerto (2) que representa, em nossos dados, a maior parte das ocorrências de nossa amostra, com 93,5% *versus* 6,5% da estrutura não prototípica, que é SN + V, como no excerto (1).

Acreditamos que o verbo *existir* apresenta uma particularidade linguística, chamada por Perini (2013) de “topicalização do SN” (PERINI, 2013, p. 331), quando o SN aparece anteposto ou em estruturas relativas na forma SN + que + verbo existencial, como visto no excerto (1). Ou seja, a topicalização ou a inversão entre V e SN das sentenças existenciais colabora para a conservação de *existir* em nossos dados, embora a estrutura prototípica existencial apresente maior aplicação de ambos os verbos.

Souza (2015) realizou, ainda, cruzamentos entre as variáveis Posição do SN e o sexo e a Posição do SN e a escolaridade. A variável Posição do SN influencia *existir* de forma tão forte, que, na análise do autor, apenas dois fatores se mostraram irrelevantes para *existir*.

Vejamos, a seguir, a segunda variável relevante para a análise em tela.

Tipo de Registro

A segunda variável estatisticamente relevante para *existir* foi a extralinguística, *tipo de registro*, como podemos ver na Tabela 2.

Tabela 2 - Atuação da variável *tipo de registro* sobre o verbo *existir*

FATORES	Aplic./total	Percentual	P.R.
Elocução Formal - EF	137/461	29,7%	0,653
Diálogo entre Informante e Documentador - DID	177/1051	16,8%	0,515
Diálogo entre Dois Informantes - D2	78/659	11,8%	0,369

Input 0,155

Significance 0,006

Fonte: Elaborada pelas autoras.

Para esta variável, nossa hipótese inicial foi confirmada, pois, como mostra a Tabela 2, o EF (0,653) mostrou-se favorecedor de *existir*, seguido do DID (0,515) pouco acima da neutralidade. Fato esse que nos revela ser o verbo *existir*, aliado da formalidade, por ser considerado uma das variantes padrão da língua, o que podemos conferir, inclusive, através da quantidade de ocorrências de *existir* dentre os inquéritos, em que os EF e DID contém, juntos, 71,3% de todas as ocorrências do *corpus*.

Os inquéritos EF são aqueles que apresentam o maior grau de monitoramento estilístico, por serem constituídos de palestras, aulas e falas em público de um modo geral, enquanto que o DID, menos formal que o EF, também apresenta certo grau de atenção à fala, por tratar-se de entrevistas, ou seja, momentos em que há uma preservação de sua imagem que é refletida na língua. Posto isso, quanto maior o monitoramento estilístico da fala, maior a chance de uso da variante *existir*.

Vejamos, agora, a variável *traço semântico do SN* como terceira variável apontada como relevante para o Goldvarb X.

Traço semântico do SN

A variável *traço semântico do SN* surgiu como beneficiadora de *existir* através dos fatores [-animado] e [-concreto] (0,595) e [+animado] e [-humano] (0,563), como podemos analisar melhor na Tabela 3 e nos excertos a seguir.

Tabela 3 – Atuação da variável *traço semântico do SN* sobre o verbo *existir*

FATORES	Aplic./total	Percentual	P.R.
[-animado] e [-concreto]	184/820	22,4%	0,595
[+animado] e [-humano]	12/40	30%	0,563
[-animado] e [+concreto]	146/867	16,8%	0,476
[+animado] e [+humano]	50/444	11,3%	0,366

Input 0,155

Fonte: Elaborada pelas autoras.

Significance = 0,006

A análise binária entre *existir* vs. *ter* aponta para os traços semânticos aliados de *existir* referentes a coisas abstratas e seres não humanos, como podemos conferir nos excertos (3) e (4).

- (3) voltava aquele grupo e tudo num *existia* essa pressão não sabe?... (PORCUFORT, DID, 13)
- (4) isso depende de cada organismo... *existe...* CÁries eh::... cáries CRÔnicas e agudas né? (PORCUFORT, DID, 31)

Percebamos que, em (3), o sujeito do verbo é algo abstrato, “pressão social”, enquanto que o sujeito em (4) é algo que tem vida, mas não é humano como “cáries dentárias”. Vemos, então, uma estreita ligação entre esses traços semânticos e o verbo *existir*.

Para essa variável, imaginávamos que o traço [+animado], como em Vitório (2013), referente a SNs relacionados a seres animados, fosse-lhe aliada, hipótese confirmada. Frisamos que, em nossa pesquisa, o traço [+animado] está ligado a dois outros traços, mas, para *existir*, apenas o traço [+animado] e [-humano] lhe foi beneficiador. Já nossa hipótese de que o traço [+humano] fosse aliado de *existir* foi refutada.

A quarta variável estatisticamente relevante para *existir* foi a *concordância entre o verbo e o SN*, como podemos ver adiante.

Concordância entre o verbo e o SN

Para essa variável, nossa hipótese inicial era de que o fator *concordância verbo plural → SN plural* fosse uma das aliadas de *existir*, o que pôde ser confirmada através do PR 0,587, pois o verbo *existir* é pessoal e pode ser conjugado no plural. Além desse fator, um outro foi selecionado como mais relevante, ainda, para *existir*: *verbo singular → SN plural* com PR de 0,733, fator também aliado no estudo de Ribeiro, Soares e Lacerda (2013), o que nos fez confirmar uma tendência na língua culta falada pelos fortalezenses: a hipercorreção. Vejamos esses dados na Tabela 4.

Tabela 4 - Atuação da variável *concordância entre o verbo e o SN* sobre o verbo *existir*

FATORES	Aplic./total	Percentual	P.R.
verbo singular → SN plural	37/127	29,1%	0,733
verbo plural → SN plural	37/157	23,6%	0,587
verbo singular → SN singular	318/1887	16,9%	0,476

Input 0,155

Significance 0,006

Fonte: Elaborada pelas autoras.

Os resultados ilustrados na Tabela 4 nos apresentam um percentual de 29,1% do que podemos chamar de hipercorreção com ocorrências de *existir*. Quando falamos em hipercorreção ou ultracorreção na língua portuguesa, remetemo-nos àqueles casos em que, com o intuito de falar corretamente, o indivíduo regulariza indevidamente uma forma, pensando estar correta. Para ilustrar um caso de hipercorreção, trazemos no excerto (5) um caso típico com o verbo *haver existencial* no plural.

- (5) é só Aluísio de Azevedo... né?... mas... houveram outros e HOUVERam alguns que mistuRaram tendências... né?...
(PORCUFORT, EF, 36)

Tratando-se do verbo *existir*, um caso de hipercorreção seria tratá-lo como impessoal para sujeitos plurais, que foi exatamente o que a análise estatística nos apresentou, quando apontou o fator *verbo singular* → *SN plural* como mais aliado de *existir* em relação a *ter*. Os excertos, a seguir, ilustram os fatores favorecedores do verbo em análise. Em (6), a seguir, podemos ver um caso de hipercorreção com o verbo *existir*, quando o falante optou por deixar o verbo no singular, como se usasse o verbo impessoal.

(6) felizmente... mas existe aquelas latitudezinha/ bem apropriadas... onde () chega ao MÁximo... por exemplo no caso da FLÓrida... né? (PORCUFORT, EF, 53)

(7) eu digo aos meus alunos olha pessoal existem... TRÊS objetivos (PORCUFORT, D2, 47, Inf. 01)

Vejamos, na seção seguinte, a variável *tempo e modo verbal*.

Tempo e modo verbal

Quinta variável linguística selecionada como relevante para *existir*, o *tempo e modo verbal* é conhecido da variação dos verbos existenciais como uma variável bastante influenciadora. Aqui, apenas os fatores *presente do indicativo* (0,557) e *presente do subjuntivo* (0,529) foram aliados de *existir*, sem esquecer que a grande maioria dos dados são para o verbo *ter*. Vejamos maiores detalhes da variável na Tabela 5.

Tabela 5 - Atuação da variável *tempo e modo verbal* sobre o verbo *existir*

FATORES	Aplic./total	Percentual	P.R.
presente do indicativo	297/1419	20,9%	0,557
presente do subjuntivo	4/18	22,2%	0,529
futuro do pretérito do indicativo	2/12	16,7%	0,444
pretérito imperfeito do indicativo	58/451	12,9%	0,423
pretérito imperfeito do subjuntivo	3/21	14,3%	0,410
formas nominais	17/124	13,7%	0,390
pretérito perfeito do indicativo	10/95	10,5%	0,323
futuro do subjuntivo	1/31	3,2%	0,162
futuro do presente do indicativo	0/0	nocaute	

Input 0,155
Fonte: Elaborada pelas autoras.

Significance 0,006

Para essa variável, nossa hipótese inicial de que os tempos do presente favorecem *existir* foi confirmada pela Tabela 5: o *presente do indicativo* é aliado de *existir*, dados que também foram encontrados em Vitório (2013). Vejamos excertos de nosso *corpus* que contém dados relativos aos fatores favorecedores de *existir*.

- (8) então quando a gente chega no último semestre que é o provão... cadê a base? onde é que /tá a base?... num *existe* base... (PORCUFORT, DID, 150)
- (9) EMBORA ah eh... aCEIte que ela *exista* aCEIte que *exista* essa dependência formal... NÃO é ela que... seGUNdo Se/ SecheHAYE vai determinar a transitividade... (PORCUFORT, EF, 25)

Assim, os demais fatores, *futuro do pretérito do indicativo*, *pretérito imperfeito do indicativo*, *pretérito imperfeito do subjuntivo*, *formas nominais*, *pretérito perfeito do indicativo*, *futuro do subjuntivo* e *futuro do presente do indicativo* são aliados de *ter*.

A *faixa etária* apresentou-se, portanto, como a última variável relevante para a análise *existir vs. ter*. Vejamo-la.

Faixa etária

Como já sabemos, a *faixa etária* é a variável responsável por apontar, em tempo aparente, possíveis e futuras mudanças linguísticas. Para *existir* e *ter* ela se apresentou como relevante, de modo que o fator aliado de *existir* foi a *faixa etária II* (0,563), composta por indivíduos que estão inseridos no mercado de trabalho, o que nos faz acreditar serem indivíduos que precisam dar mais atenção à fala e à norma padrão, como já citado por nós. Vejamos a atuação da variável citada na Tabela 6.

Tabela 6 - Atuação da variável *faixa etária* sobre o verbo *existir*

FATORES	Aplic./total	Percentual	P.R.
Faixa etária II	176/829	21,2%	0,563
Faixa etária III	120/754	15,9%	0,466
Faixa etária I	96/588	16,3%	0,454

Input 0,155

Significance 0,006

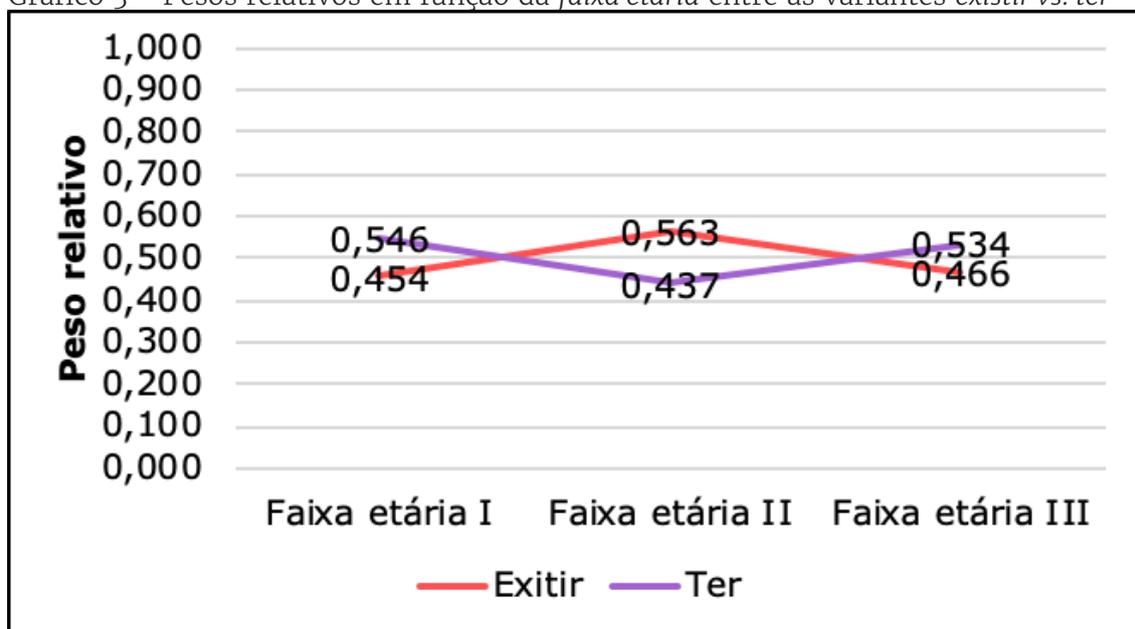
Fonte: Elaborada pelas autoras.

As faixas etárias 1 e 3 surgiram como inibidoras de *existir* (0,454 e 0,466, respectivamente) e, automaticamente, beneficiadoras de *ter*, o que já era esperado, pois a faixa 1 é composta por jovens que ainda estão se inserindo ou são recém inseridos no mercado de trabalho, enquanto que a faixa 3 é representada, em sua grande parte, por pessoas já aposentadas ou em fim de carreira, portanto, podem não estar mais reservando tanta atenção à normatização da língua.

No estudo de Souza (2015), a faixa etária não foi selecionada como relevante, mas, para Viana (2018), sim, no qual a *faixa III* (acima de 50 anos) foi beneficiadora de *existir* com PR de 0,587 em uma primeira análise e, posteriormente, favorecedora juntamente à *faixa II* (de 26 a 49 anos, com PRs de 0,639 para a *faixa II* e 0,688 para a *faixa III*).

O NORPOFOR, estudado pelos autores supracitados, e o PORCUFORT, aqui estudado, embora tratem-se de bancos de dados de épocas e escolaridades distintas, são oriundos da mesma comunidade de fala, o que nos faz realizar paralelos com algumas ressalvas. Em ambos os estudos citados, os autores verificam, no falar popular de Fortaleza-CE, estarem diante de uma mudança em progresso, mas, para o falar culto de Fortaleza-CE, há apenas uma *variação estável* entre *existir* e *ter*, como ilustrado no Gráfico 3 a partir dos PRs da análise.

Gráfico 3 - Pesos relativos em função da *faixa etária* entre as variantes *existir* vs. *ter*



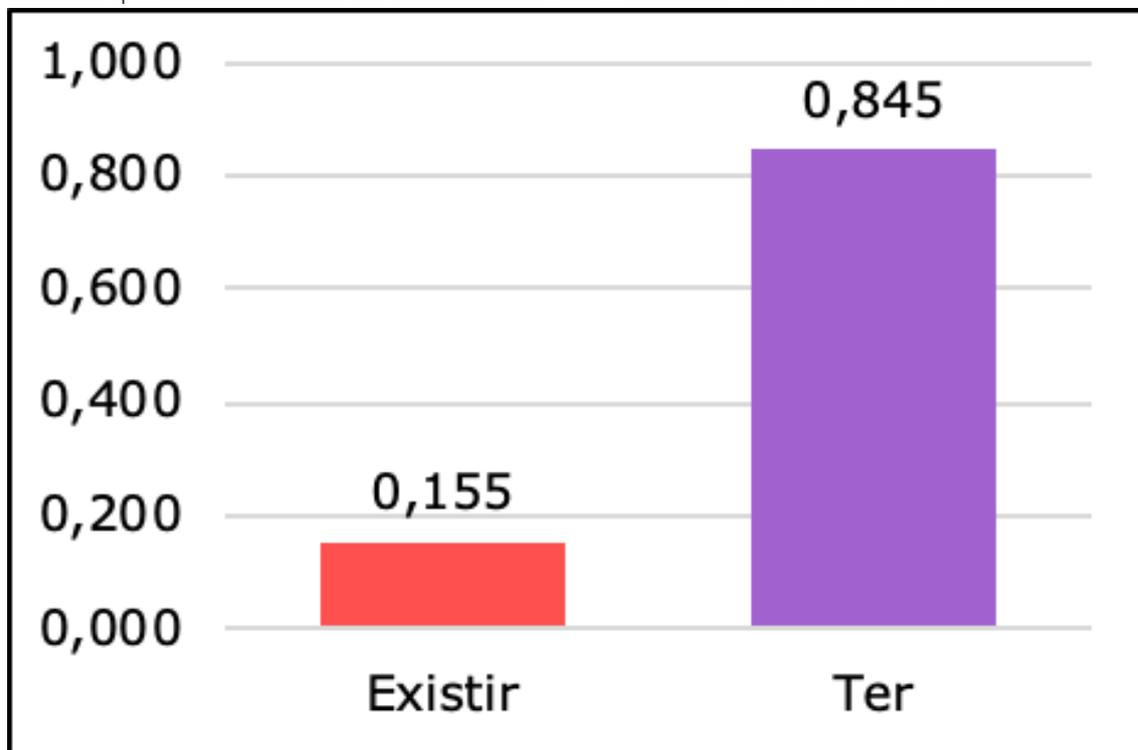
Fonte: Elaborado pelas autoras.

Concluindo nossa análise, entre as variantes *existir* e *ter*, podemos afirmar que estamos diante de uma *variação estável* na fala culta

fortalezense, o que refuta a hipótese inicial de mudança em progresso. A variação estável se caracteriza, como no Gráfico 3, por um padrão curvilíneo, ou seja, a faixa intermediária apresenta maior frequência de uso das formas prestigiadas; já na mudança linguística em progresso, a distribuição da frequência seria em um padrão transversal, no qual os mais jovens apresentariam as maiores frequências de uso das formas inovadoras (CHAMBERS; TRUDGILL, 1980).

Trazendo a probabilidade de ocorrência entre uma ou outra variante desta análise, visualizamos, no Gráfico 4, que a probabilidade de *existir* ocorrer na fala culta fortalezense na década de 1990 é de 0,155.

Gráfico 4 – Probabilidade de ocorrências das variantes *existir* vs. *ter* na análise



Fonte: Elaborado pelas autoras.

Sabendo, mais uma vez, que a probabilidade de *ter* ser utilizado na fala culta da década de 1990 é muito superior à de *existir*, acreditamos que a variante padrão ainda esteja sendo utilizada por uma questão de estilo do falante, pois como já apresentado, estamos diante de uma *variação estável* entre *existir* e *ter* na fala culta fortalezense.

Passemos, então, às considerações que julgamos relevantes a serem feitas sobre a análise *existir* vs. *ter*.

Considerações Finais

Nosso estudo procurou realizar uma descrição da variação entre os verbos *existir* e *ter* no português falado de fortalezenses com nível superior completo, objetivando descobrir além das frequências de uso das variantes, quais fatores beneficiam a um e a outro verbo. Poderíamos ter analisado a interação com o verbo *haver*, assim como, verificar a influência de outras variáveis, análises que ficarão para o futuro em uma outra oportunidade.

Os dados relativos à análise ***existir vs. ter*** mostraram um total de 2.199 dados, sendo 392 desses, respectivos de *existir* (17,8%) e 1.807 dados do verbo *ter* (82,2%). As variáveis que apresentaram fatores favorecedores de *existir* foram: *posição do SN* (com o fator **anteposto** (0,790)); *tipo de registro* (com os fatores **EF** (0,653) e **DID** (0,515)); *traço semântico do SN* (**[-animado]** e **[-concreto]** (0,595) e **[+animado]** e **[-humano]** (0,563)); *concordância entre o verbo e o SN* (**verbo singular → SN plural** (0,733) e **verbo plural → SN plural** (0,587)); *tempo e modo verbal* (**presente do indicativo** (0,557) e **presente do subjuntivo** (0,529)); e *faixa etária* (**faixa etária II** (0,563)), nesta ordem de relevância.

De nossas hipóteses, aquela cujo traço [+humano] fosse aliado de *existir* foi refutada, pois o fator que contém esse traço não foi selecionado como seu favorecedor. Além dessa hipótese, aquelas referentes às variáveis *repetição do verbo no mesmo enunciado*, *sexo*, *peso do SN*, *presença de modalizador* e *presença de elementos à esquerda do verbo* não puderam ser confirmadas ou refutadas, pois não foram selecionadas como relevantes pelo Goldvarb X. Outra característica refletida em nossos dados é que o verbo *existir* apresenta uma topicalização do SN, o que faz o SN estar, frequentemente, anteposto ao verbo.

Por fim, nossos dados apresentam uma variação estável entre *existir* e *ter* na fala culta de fortalezense da década de 1990.

Agradecemos à Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico – FUNCAP, pela bolsa concedida para realização desta pesquisa.

Referências

ARAÚJO, A. A. de; VIANA, R. B. de M.; PEREIRA, M. L. de S. O Projeto Descrição do Português Oral Culto de Fortaleza – PORCUFORT: das origens aos dias atuais. **Web Revista SOCIODIALETO**, [S.l.], v. 8, n. 24, p. 174-198, jun. 2018a. Disponível em: <http://sociodialeto.ojs.galoa.com.br/index.php/sociodialeto/article/view/39>>. Acesso em: 30 jun. 2018.

ARAÚJO, A. A. de; VIANA, R. B. de M.; PEREIRA, M. L. de S. O banco de dados NORPOFOR. In: ARAÚJO, A. A. de; VIANA, R. B. de M.; PEREIRA, M. L. de S. **Fotografias sociolinguísticas do falar de Fortaleza-CE**. Fortaleza: EdUECE, 2018b. p. 15-65.

CAMACHO, R. G. Sociolinguística (Parte II). In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (orgs.) **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2001. v. 1. p. 49-75.

CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P. **Dialectology**. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1980.

GUY, G.; ZILLES, A. **Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LABOV, W. Sociolinguística: uma entrevista com William Labov. **ReVEL** – Revista Virtual de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS, Dourados, v. 5, n. 9, ago. 2007. Tradução de Gabriel de Ávila Othero. Disponível em: http://www.revel.inf.br/files/entrevistas/revel_9_entrevista_labov.pdf. Acesso em: 05 nov. 2017.

PERINI, M. A. **Gramática do português brasileiro**. 2. imp. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

RIBEIRO, P. R. O.; SOARES, M. S.; LACERDA, P. F. A. da C. A realização da noção de existência no “mineirês”: um estudo da variação dos verbos *ter*, *haver* e *existir*. **Revista Signótica**, Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística e da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás, Goiânia, v. 25, n. 2, p. 535-561, 2013. Disponível em: <http://www.revistas.ufg.br/index.php/sig/article/view/19192/15795>. Acesso em: 26 jun. 2016.

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S. A.; SMITH, E. **Goldvarb X: a variable rule application for Macintosh and Windows**. University of Toronto, Department of Linguistics, 2005. Software. Disponível em: http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/Goldvarb/GV_index.htm#ref. Acesso em: 10 jun. 2017.

SOUZA, F. F. de. **Tem chance de haver ainda existir no falar popular?** A variação dos verbos existenciais em amostra do NORPOFOR. 2015. 105 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2015. Disponível em: <http://www.uece.br/posla/dmdocuments/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20-%20Francisco%20F.%20de%20Souza.pdf>. Acesso em: 21 jun. 2016.

VIANA, R. B. de M. *Tem mais existir que haver* no falar dos fortalezenses: o papel dos fatores sociais na variação dos verbos existenciais. In: ARAÚJO, A. A. de; VIANA, R. B. de M.; PEREIRA, M. L. de S. **Fotografias sociolinguísticas do falar de Fortaleza-CE**. Fortaleza: EdUECE, 2018. p. 95-125.

VITÓRIO, E. G. de S. L. A. **Construções existenciais com os verbos *ter* e *haver* na fala e na escrita: uma análise comparativa**. 2013. 29 f. Relatório de Pós-Doutorado (Pós-doutorado Júnior em Letras Vernáculas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

VITÓRIO, E. G. de S. L. A. **Ter/haver existenciais na fala alagoana: variação estável ou mudança em progresso?**. 2012. 149 f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Faculdade de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2012. Disponível em: <http://www.repositorio.ufal.br/handle/riufal/2441>. Acesso em: 17 abr. 2019

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.